

Lírica e história em *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade

Lizandro Carlos Calegari*

Resumo: O propósito deste trabalho é refletir sobre o livro *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, procurando estabelecer relações entre lírica e história. Considerando que a obra foi publicada em 1945, tema e forma se articulam, propiciando uma leitura muito particular das poesias do autor. Assim, as questões giram em torno de imagens da guerra, da descontinuidade do tempo, da postura melancólica, da fragmentação da experiência, da precariedade do eu, do problema da ambivalência e da aproximação da linguagem poética à prosaica. Para o embasamento da proposta, buscou-se respaldo em críticos consagrados sobre o autor como Antonio Candido, Iumna Maria Simon, Luiz Costa Lima, Sônia Brayner, dentre outros.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade. *A rosa do povo*. Lírica. História.

A complexidade e a extensão da produção literária referente a Carlos Drummond de Andrade (Itabira, MG, 1902 – Rio de Janeiro, RJ, 1987) surgem, num primeiro momento, como empecilhos para se atender, na totalidade, à pluralidade de significados de seus escritos. Um apanhado de reflexões críticas acerca do autor aponta, no entanto, para um constante conjunto de particularidades inerentes às suas obras. Assim, é preciso selecionar alguns traços de investigação para que sejam trazidos à tona aspectos importantes de seus textos. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é tecer reflexões acerca de aspectos

* Doutor em Letras. Professor da Graduação e do Mestrado em Letras da URI-FW. E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br.

temáticos e formais em *A rosa do povo*, buscando estabelecer relações entre os textos líricos do poeta e o momento histórico em curso.

Tal obra, publicada em 1945, surge em meio a um período histórico conturbado para a intelectualidade brasileira. Eventos como a Segunda Guerra Mundial, a ascensão nazifascista e o Estado Novo – só para citar os fatos mais significativos que marcaram aquela época – convergiram para uma mobilização do escritor de forma que sua obra adquirisse um valor importante na medida em que representava uma sociedade dilacerada. Assim, Drummond elegeu aspectos que gravitavam em torno da guerra, da violência, da morte, da melancolia, da fragmentação da experiência, da descontinuidade do tempo, dentre as marcas do contexto histórico.

Não é por acaso, então, que, contrária às concepções românticas, a produção drummondiana – em particular, *A rosa do povo* – resguarda a realidade de forma não idealizada. O engajamento de sua obra exhibe a tendência de o escritor ater-se a seu tempo histórico, expondo o conflito sempre presente entre o eu e o mundo. Em um artigo publicado no Jornal *O Estado de São Paulo*, em 1990, Francisco Iglésias expõe o seguinte:

[s]eu [de Drummond] rico conteúdo seria a chave da alta compreensão histórica desse poeta que compreendeu o homem e a realidade social, transfigurando-a, pela beleza artística, em visão nada vulgar ou banal, mas antes superior como inteligência e penetração sensível. (IGLÉSIAS, 1990, p. 3).

A apreensão da história e a sua não idealização são perceptíveis em vários poemas do escritor mineiro, como se observa em “Nova canção do exílio”:

01. Um sabiá
02. na palmeira, longe.
03. Estas aves cantam

04. um outro canto.
.....
09. Só, na noite,
10. seria feliz:
11. um sabiá,
12. na palmeira, longe. (ANDRADE, 2001, p. 71).

Nesse texto, a consciência de desequilíbrio entre alguns elementos – como o “sabiá” (v. 01) e o seu “canto” (v. 04) – contribui para o poeta expor a precariedade de seu tempo histórico. O canto das “aves” (v. 03/04) não visa a exaltar a pátria, mas, devido ao seu tom de lamento, expor suas fragilidades. Diferentemente do poema “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, em que o poeta mostra-se saudoso em relação a sua terra, nesses versos de Drummond, o autor estabelece sentimentos contrários ao do escritor românticos, ou seja, ele não está com saudades de sua pátria, nem se coloca numa postura de exaltação. Paradoxalmente, a felicidade só é possível graças à solidão (v. 09) e à sua imersão na “noite” (v. 09). Essas ideias conduzem a uma imagem melancólica da realidade.

Como quer que seja, em *A rosa do povo*, não é casual que Drummond não adote uma perspectiva idealista, nem eufórica, mas opta por uma linha de representação profundamente melancólica. As experiências da perda, da dor, da contradição, do medo, que tradicionalmente se associam ao conceito de melancolia, ganham, nesse livro, profundidade e se articulam umas com as outras. O impacto da violência do processo histórico e a atitude melancólica que observa a realidade com receio se combinam nessa obra, dentro de um horizonte marcado pela incerteza do futuro.

As consequências decorrentes dos fatos históricos, associados, por sua vez, aos problemas sociais e políticos da época, repercutem numa apreensão surrealista da realidade. Dito em outros termos, Drummond constrói uma poesia pautada na exploração do inconsciente, do sonho, da loucura, em que as

*Lírica e
história em
A rosa do
povo, de
Carlos de
Drummond
de Andrade*

195

formas definidas da realidade são abandonadas, aproximando-se daquilo que é antagônico à lógica e está fora do controle da consciência. Partindo-se desse princípio, o autor defende a ruptura com formas convencionais de expressão. No poema “Nosso tempo”, torna-se evidente o alcance da ruína propiciada pela Segunda Guerra Mundial:

26. Este é tempo de divisas,
27. tempo de gente cortada.
28. De mãos viajando sem braços,
29. obscenos gestos avulsos.
.....
48. E continuamos. É tempo de muletas.
49. Tempo de mortos faladores
50. e velhas paralíticas, nostálgicas de bailado,
51. mas ainda é tempo de viver e contar. (ANDRADE, 2001, p. 39-40).

As expressões contidas nessas estrofes – “tempo de divisas” (v. 26), “gente cortada” (v. 27), “mãos viajando sem braços” (v. 28), “obscenos gestos avulsos” (v. 29), “tempo de muletas” (v. 48), “mortos faladores” (v. 49) e “velhas paralíticas, nostálgicas de bailado” (v. 50) – designam tempo de queda, decadência, danificação, projetando, assim, um quadro surrealista. A essa apreensão da realidade Luiz Costa Lima denomina princípio-corrosão, que, no contexto drummondiano,

há de ser tratada ou como escavação ou como cega destinação para um fim ignorado. [...] é, por conseguinte, a raiz que irradia da percepção do que é contemporâneo. [...] E é a presença partilhada e intuída do histórico que lhe conduz ao sentimento de angústia, de asco e de desgosto com que partilha do mundo. (LIMA, 1995, p. 131-33).

Essa consciência da decadência dos elementos da vida propiciada pelo momento histórico assinalado por guerras e catástrofes traduz-se no eu descentralizado, torto, fragmentando presente nas poesias do escritor itabirano. Em “Uma hora e mais

outra”, tem-se a imagem do indivíduo sem ordem, torturado, fragmentado:

77. furados os olhos,
78. a língua enrolada,
79. os dedos sem tato,
80. a mente sem ordem,
81. sem qualquer motivo
82. de qualquer ação,
83. tu vives: apenas
84. sem saber por quê. (ANDRADE, 2001, p. 52).

A ênfase, nesse poema, situa-se na ausência de um referencial em que o sujeito lírico possa apoiar-se. A fragilidade que caracteriza o sujeito é decorrente da falta de elementos relacionados às sensações. Assim, o verso 77 sugere a impossibilidade de o indivíduo conceber e associar as imagens de maneira concreta; o verso 78 aponta para a dificuldade de expressão verbal, e o verso 79 remete à impossibilidade de ação ou mesmo para a ideia de insensibilidade frente à (des)ordem do mundo. A incompreensão, conforme sugere a expressão “mente sem ordem” (v. 80), desnorteia e torna o sujeito precário frente às circunstâncias da vida, deixando-o sem razão para viver (v. 83/84). Ditos em outros termos, o sujeito, agredido pela violência constitutiva e pelo autoritarismo pode ser levado a uma relação de crise não apenas com a situação problemática da sociedade, mas com a linguagem e consigo mesmo.

Em relação ao sujeito poético, a rigor, Antonio Candido (1995) acrescenta que “o eu estrangulado é, em parte, consequência, produto das circunstâncias; se assim for, o eu torto do poeta é igualmente uma espécie de subjetividade de todos, ou de muitos, no mundo torto” (p. 127). O crítico expõe ainda que o mundo social, para o poeta, é inquieto, incompreensível, repleto de obstáculos que impedem a plenitude dos seus sentimentos e dos seus atos.

*Lírica e
história em
A rosa do
povo, de
Carlos de
Drummond
de Andrade*

197

Partindo-se do princípio de que existe uma relação entre forma, conteúdo e contexto social, pode-se dizer que, em *A rosa do povo* (e mesmo antes dela), encontram-se, na produção do poeta, indicações de uma compreensão de uma lógica perversa da formação social brasileira. Esta se desenvolve como “modernidade agônica” em que a violência tem um papel constitutivo e, como declara o poeta, padrões de cultura são elaborados e logo destruídos. Drummond absorve o caráter essencial paradoxal desse movimento, de uma formação social em cujo cerne está a destruição, que encontra no autoritarismo expressão política. A possibilidade de crítica desse movimento reside na contrariedade às atitudes do pensamento conservador e, ao mesmo tempo, na elaboração melancólica da dificuldade de subverter o processo e transformar as coisas.

Além dessas características, em *A rosa do povo*, Carlos Drummond de Andrade faz uso de elementos do cotidiano, que assumem importância central na medida em que desencadeia uma série de reflexões pertinentes à complexidade dos fatos concretos da realidade. Em “Caso do vestido”, o núcleo temático desenvolve-se devido à presença de um vestido, que, nas estrofes iniciais, é objeto de bisbilhote e constituirá o conteúdo da poesia:

01. Nossa mãe, o que é aquele
02. vestido, naquele prego?

A pergunta exige que a “mãe” dê uma explicação convincente às filhas. Ela narra o enamoramento do “pai” por uma dona estranha, sua humilhação e a tentativa de suicídio:

19. Era uma dona de longe,
20. vosso pai enamorou-se.
.....
25. chorou no pranto de carne,
26. bebeu, brigou, me bateu,
.....

107. me cortei de canivete,
108. me atirei no sumidouro.

À medida em que o diálogo evolui, o mistério que envolve o vestido torna-se nítido, e isso suscita a curiosidade das filhas em desvendá-lo. O “caso do vestido” é colocado no possível terreno do sonho, e o poema encerra com a chegada do pai:

147. [...] tudo foi um sonho
148. vestido não há... nem nada.

149. Minhas filhas, eis que ouço
150. vosso pai subindo a escada. (ANDRADE, 2001, p. 96-103).

*Lírica e
história em
A rosa do
povo, de
Carlos de
Drummond
de Andrade*

199

A poesia está, pois, assinalada pelos instantes e pelas circunstâncias, “impregnada de objetos do cotidiano”, nas palavras de Fábio Lucas (1982, p. 108). O mesmo crítico, nesse particular, afirma:

Drummond se tem distinguido por ser um poeta que faz dos momentos efêmeros marcos de significação prolongada, que transforma o banal de todos os dias em formas concisas de essência duradoura. O sagrado e o profano, o eterno e o transitório nele estão de tal forma entrelaçados que atribuir prioridade ou hegemonia a um deles será fraudar a obra de um dos termos de sua síntese. [...] Cada contato do artista com o mundo significa uma decisão criadora, militância que se dá em espetáculo. (LUCAS, 1982, p. 108).

A leitura dos poemas de Drummond revela ainda um conjunto de traços constantes que surgem ao longo de sua produção. Em “Morte do leiteiro”, não só a ironia, mas também a busca da comunicação através de uma maior aproximação com a linguagem prosaica é perceptível:

07. Então o moço que é leiteiro
08. de madrugada com sua lata
09. sai correndo e distribuindo
10. leite bom para gente ruim.

11. Sua lata, suas garrafas
12. e seus sapatos de borracha
13. vão dizendo aos homens no sono
14. que alguém acordou cedinho
15. e veio do último subúrbio
16. trazer o leite mais frio
17. e mais alvo da melhor vaca
18. para todos criarem força
19. na luta brava da cidade.

.....
41. Meu leiteiro tão sutil
42. de passo maneiro e leve,
43. antes desliza que marcha.
44. É certo que algum rumor
45. sempre se faz: passo errado,
46. vaso de flor no caminho,
47. cão latindo por princípio,
48. ou um gato quizilento.
49. E há sempre um senhor que acorda,
50. resmungando e torna a dormir.

51. Mas este acordou em pânico
52. (ladrões infestam o bairro),
53. não quis saber de mais nada.
54. O revólver da gaveta
55. saltou para sua mão.

56. Ladrão? se pega com tiro.
57. Os tiros da madrugada
58. liquidaram meu leiteiro.
59. Se era noivo, se era virgem,
60. se era alegre, se era bom,
61. não sei,
62. é tarde para saber.

.....
78. Da garrafa estilhaçada,
79. no ladrilho já sereno
80. escorre uma coisa espessa
81. que é leite, sangue...não sei.
82. Por entre objetos confusos,
83. mal redimidos da noite,
84. duas cores se procuram,
85. suavemente se tocam,
86. amorosamente se tocam,
87. formando um terceiro tom
88. a que chamamos aurora. (ANDRADE, 2001, p. 108-111).

A estrofe inicial apresenta elementos relacionados às ações do “leiteiro”, as quais ajudam a definir a sua personalidade.

As suas qualidades, predominantemente extraídas de seus atos, permitem a construção de uma imagem que pode ser definida como harmoniosa. Assim, nessa estrofe, é ressaltada a juventude do leiteiro – conforme sugere o vocábulo “moço” (v. 07) –; a sua disposição para superar as dificuldades surgidas ao longo da execução de seus compromissos, ou seja, despertar cedo (v. 14) e percorrer uma distância relativamente longa (v. 15); além de seu incentivo às pessoas de modo que elas possam resistir aos obstáculos impostos pela sociedade.

O equilíbrio da paisagem se estende na segunda estrofe em que – apesar do desconforto de alguns animais (v. 47/48), da ocorrência de pequenos fatos como o choque do leiteiro com um “vaso de flor” (v. 46) e da irritação de algumas pessoas (v. 49/50) – há harmonia nos elementos que constituem a imagem da sociedade.

A ironia do poema surge devido à quebra de perspectiva fornecida pelo desencadeamento dos fatos. O que até então estava calcado na grandiosidade de um elemento – no caso, a liberdade de ação do leiteiro – é destruído. Os elementos se desarmonizam devido à morte do leiteiro (v. 58). Suas qualidades – ser “noivo” (v. 59), “virgem” (v. 59), “alegre” (v. 60) ou “bom” (v. 60) – são ignoradas. A última estrofe evidencia o descompasso dos elementos. A “garrafa” encontra-se “estilhaçada” (v. 78), a mistura indecifrável do “leite” (v. 81) com o “sangue” (v. 81) combina-se, e a presença de “objetos confusos” (v. 82) preenchem a “noite” (v. 83). A acomodação final sugerida pelo surgimento da aurora (v. 88) aponta para a falta de importância atribuída à violência social e para a falta de justiça.

Como se observa, a linguagem poética se aproxima da linguagem prosaica, e essa aproximação consiste numa tarefa a que Drummond aderiu em muitos dos seus textos com o objetivo de “atingir mais diretamente o receptor da mensagem”, conforme

avaliação proposta por Iumna Maria Simon (1978, p. 88). Além disso, essa tentativa de comunicação justifica-se pela “necessidade de participação do artista no formidável período histórico em que lhe é dado viver” (1978, p. 67). Nesse caso, Simon complementa que a introdução da poesia participante de Drummond

determina alterações no sistema de valores estéticos de uma determinada época ou no interior da obra de um poeta, uma vez que a prática artística passa a ser impulsionada pela necessidade de comunicação. Ou seja, os procedimentos poéticos são colocados a serviço dessa necessidade, de tal forma que a própria estrutura da mensagem se transforma ao incorporar novos elementos. (SIMON, 1978, p. 87).

Como se verifica, em “Morte do leiteiro”, o discurso de base é predominantemente a narração, ou seja, o relato de uma sucessão de acontecimentos diversos. O equilíbrio inicial, como categoria narrativa, está presente na primeira e por extensão na segunda estrofe que correspondem aos versos 07 a 19 e 41 a 50, respectivamente.

A segunda categoria narrativa, a complicação, ou seja, a quebra do equilíbrio inicial, faz-se notar a partir da terceira estrofe (v. 51-55), introduzida pela conjunção adversativa “mas”. Nessa estrofe, há a introdução de outros personagens – o “senhor” (v. 49) – retomado no verso 51 pelo pronome “este”; e o “revólver” (v. 54). Esse último assume a função de sujeito da oração e consiste no agente da ação, e não no objeto. Na opinião de Iumna M. Simon (1978), essa operação de cruzamento sintático amplia a rede de significações do texto, revelando significados nem sempre explícitos.

Na quarta estrofe (v. 56-62), os versos “Os tiros na madrugada/ liquidaram meu leiteiro” (v. 57/58), bem como na quinta estrofe, a expressão “garrafa estilhaçada” (v. 78),

contribuem para intensificar a complicação da narrativa. A resolução, ou seja, a retomada do equilíbrio, surge nos últimos versos da quinta estrofe no momento em que ocorre a harmonia entre o “leite” e “o sangue” (v. 81), propiciando o surgimento da “aurora” (v. 88).

Tendo em vista essa aproximação entre a linguagem lírica e a prosaica, nota-se não somente um arranjo especial de sua estrutura, mas também a maneira como suas orações estão constituídas e dispostas. O texto, predominantemente escrito em terceira pessoa, centrado, pois, no referente, contribui para a transmissão de dados de uma forma menos hermética, característica própria da função referencial da linguagem, adotada nesse caso por Drummond. A propósito, tratando dessa particularidade aderida por Drummond, Mário Faustino salienta que:

[e]le [Drummond] nos surge, neste momento, sobretudo, como o renovador, com seus versos, de nossa linguagem prosaica, como o homem que emprestou à nossa língua uma precisão, um *mot juste* em grau que ela ainda desconhecia. Também nos surge [...] como o homem que colocou a linguagem retórica em nossa língua – fê-lo em verso, mas o serviço é válido também para a nossa prosa – em seus devidos termos. (FAUSTINO, 1977, p. 94).

Afrânio Coutinho, do mesmo modo, observa essa característica em Drummond e reforça tal ideia ao justificar a atitude do poeta mineiro em aderir a tal peculiaridade:

[s]ua luta com as palavras seria uma luta pela expressão, mas que fosse a expressão testemunha da dor do mundo. O mundo moderno, com seu mecanismo, seu materialismo, sua falta de humanidade, seu desprezo pelo homem, é a *bête noire* do poeta. Atacou-o de frente, nos seus mitos e valores. Reagiu contra ele, mediante um “sentimento do mundo” que protesta ante a miséria a que é o homem levado pela circunstância de haver ele sido construído à revelia de sua essência humana. (COUTINHO apud BRAYNER, 1977, p. 10).

A reflexão da poesia drummondiana revela ainda aspectos que merecem atenção na medida em que forem articulados a questões associadas ao processo histórico de formação da sociedade brasileira. Trata-se, nesse particular, da noção de ambivalência presente em alguns poemas do escritor. Nesse caso, a história da sociedade brasileira interessa enquanto testemunho da afirmação de seu caráter paradoxal de formação.

A liberdade, teoricamente consentida à nação brasileira através da independência, no século XIX, permaneceu dissimulada pelo Estado durante um longo tempo; e o século XX levou às últimas consequências essa situação, sobretudo no período da ditadura militar (1964-1985). Com esse episódio, o Estado, por intermédio da “intervenção dos militares na vida política”, controlava a sociedade civil através da repressão, manipulação e cooptação (cf. SEGATTO, 1999, p. 203). A liberdade passava a ser, então, algo que nunca chegava a atingir a sua integridade. Como decorrência disso, a arte produzida na época passou a incorporar elementos que a definem com ambígua (cf. SIMON, 1995). O poema “Desfile” revela esse aspecto:

01. O rosto no travesseiro,
02. escuto o tempo fluindo
03. nos mais completo silêncio.
04. Como remédio entornado
05. em camisa de doente;
-
15. E tento fazer poesia,
16. queimar casas, me esbaldar,
17. nada resolve: mas tudo
18. se resolve em dez anos
19. (memórias do smoking preto).
-
30. O mundo me chega em cartas.
31. A guerra, a gripe espanhola,
32. descoberta do dinheiro,
33. primeira calça comprida,
34. sulco de prata de Halley,
35. despenhadeiro da infância.

36. Mais longe, mais baixo, vejo
37. uma estátua de menino
38. ou um menino afogado.
39. Mais nada: o tempo fluiu.
.....
58. O tempo fluiu sem dor.
59. O rosto no travesseiro,
60. fecho os olhos, para ensaio. (ANDRADE, 2001, p. 125-126).

O sujeito lírico, nos primeiros versos (01-05), encontra-se perplexo à manifestação de uma reação frente aos acontecimentos que se sucedem durante a passagem do tempo (v. 02). O seu estado de enfermidade – conforme sugere o verso 01 – e a sua submissão ao “silêncio” (v. 03) reforçam seu aspecto de desolação, de abandono, de angústia. Afora isso, a comparação estabelecida no verso 04 é significativa na medida em que, ao se comparar com “remédio”, o sujeito lírico se considera um agente modificador, devido às características de um medicamento. O sujeito lírico, no entanto, está impotente, conforme sugere a expressão “entornado/ em camisa de doente” (v. 04/05).

A tentativa de reação do sujeito lírico através da “poesia” (v. 15) e da queima de “casas” (v. 16) surge como atitudes insignificantes, sem força ou sentido, pois não propiciam condições que determinem uma solução para os problemas (v. 17). A tentativa de resolução, no entanto, está calcada na mudança do tempo, conforme sugere a expressão “tudo/ se resolve em dez anos” (v. 17/18). Aliás, como se observa, os versos 17 e 18 encerram uma situação paradoxal: “nada se resolve: mas tudo/ se resolve em dez anos”.

Os versos 30 a 38 enumeram uma série de situações relacionadas à passagem do tempo. O sujeito lírico cita os acontecimentos do mundo (v. 30), a “guerra” e a “gripe espanhola” (v. 31), a “descoberta do dinheiro” (v. 32), a experiência de uso da “primeira calça comprida” (v. 33), dentre outros. Enfatiza ainda o afogamento de “um menino” (v. 38)

que não pôde ser salvo. O poema encerra (v. 58/59/60) retomando os versos iniciais, que expõem a impotência de reação do sujeito lírico.

Assim, a ambiguidade do poema surge na medida em que o sujeito lírico se depara com uma sucessão de acontecimentos problemáticos diversos que assolam a humanidade, e, nesse contexto, sente a necessidade de reação, porém encontra-se impotente a isso. Dito em outros termos, ele tenta reagir, mas suas ações são insignificantes frente à complexidade do mundo e à resistência imposta pela sociedade.

Como quer que seja, a poesia brasileira do século XX, em vários casos, desenvolve em termos estéticos, nas suas propriedades formais e temáticas, comportamentos ambivalentes, que estão associados a paradoxos e mudanças no ambiente intelectual. Os problemas críticos e históricos colocados pela produção poética estariam relacionados a problemas de formação social brasileira e, particularmente, às ambivalências do autoritarismo no país. Esse desconcerto das condições de formação da sociedade contribui ainda na projeção de uma poesia em que é nítida a presença de elementos associados à descontinuidade do tempo. A análise do poema “Versos à boca da noite” revela esse aspecto:

01. Sinto que o tempo sobre mim abate
02. sua mão pesada. Rugas, dentes, calva...
03. Uma aceitação maior de tudo,
04. e o medo de novas descobertas;

05. Escreverei sonetos de madureza?
06. darei aos outros a ilusão de calma?
07. Serei sempre louco? sempre mentiroso?
08. Acreditarei em mitos? Zombarei do mundo?

09. Há muito suspeitei o velho em mim.
10. Ainda criança, já me atormentava.
11. Hoje estou só. Nenhum menino salta
12. de minha vida, para restaurá-la.

13. Mas se eu pudesse recomeçar o dia!
14. Usar de novo minha adoração,
15. meu grito, minha fome...Vejo tudo
16. impossível e nítido, no espaço. (ANDRADE, 2001, p. 145).

A consciência dos problemas relativos à situação do homem e do mundo contribui no desencadeamento de fatos que geram questões referentes à descontinuidade do tempo. Assim, a primeira estrofe do poema evidencia a consciência de inferioridade do sujeito lírico devido ao tempo de ruína a que é submetido – conforme sugere a expressão “mão pesada” (v. 02). Esse tempo de queda oportuniza, ainda, a degradação física do sujeito lírico, pois nele se observa a presença de “rugas” (v. 02), a fragilidade dos “dentes” (v. 02) e a ênfase da calvície (v. 02). Sua passividade em relação aos fatos da vida é maior em detrimento as suas atitudes que possivelmente conduziriam a “novas descobertas” (v. 04). O “medo” (v. 04) surge como consequência das limitações impostas pelas experiências vividas na atualidade.

A descontinuidade do tempo faz-se transparecer na falta de perspectiva do sujeito lírico em relação ao futuro. A desarmonia do tempo presente contribui para ele expor sua incerteza na execução de suas atividades. A segunda estrofe está vazada em frases interrogativas cujos verbos conjugados no futuro do presente (“escreverei”, v. 05; “darei”, v. 06; “serei”, v. 07 e “zombarei”, v. 08) acentuam essa imprecisão do futuro.

O tempo descontínuo, submetido à decadência, dificulta a inserção e a integração do sujeito na sua história. A densidade de acontecimentos díspares contribui para que ele não assimile os fatos e apresente-se descentralizado e sem perspectivas, culminando no sentimento melancólico, propiciando, em última instância, a fragmentação poética. Essa falta de perspectiva e o desencanto com a situação do homem no mundo exigem do eu lírico um esforço maior para superar seus anseios. Suas aflições

*Lírica e
história em
A rosa do
povo, de
Carlos de
Drummond
de Andrade*

207

– demonstradas pela sua “adoração” (v. 14), seu “grito” (v. 15) e sua “fome” (v. 14) – são inúteis frente ao tempo tedioso em que os elementos, embora presentes no espaço, oferecem-lhe resistência e o impossibilitam a sua participação no mundo.

Em Drummond, essa variação se deveria a uma impossibilidade de acomodar em um estilo ou princípio formal único as experiências da história, pois estas não são formadoras de uma totalidade, mas caracterizadas por uma formação conflitante e tensa, em que há um movimento de emergência de uma força contrária em cada movimento do andamento da história. O que caracteriza esse andamento não é a totalização harmoniosa da experiência, mas a constante problematização do sentido de seu curso. Como um senso da forma própria da realidade concreta, a contradição se aloja no pensamento do sujeito.

Como se ressaltou, os poemas escritos por Drummond em meados da década de 40 e 50 estão intimamente relacionados a acontecimentos históricos de âmbito nacional e internacional. Daí que a atitude de desconfiança e da problematização do mundo moderno reflete-se no estado melancólico do eu poético. Tratando das situações atuais da modernidade, Reinaldo Marques articula a questão da melancolia ao papel e aos desafios do poeta, ressaltando alguns traços do melancólico presentes na lírica de Drummond:

o ensimesmamento do eu confrontado com experiências de perda decorrentes de um tempo e um mundo de mudanças e ruínas; uma atitude crítica em relação ao próprio, apreendido como insatisfatório, precário; a inibição da atividade, em prol de uma atitude contemplativa. (MARQUES, 1998, p. 162).

No poema “Nos áureos tempos”, a atitude melancólica está associada à impossibilidade de recuperação ou de retorno ao passado, pois o momento atual é de ruínas:

01. Nos áureos tempos
02. a rua era tanta.
03. O lado direito
04. retinha os jardins.
05. Nele penetrávamos
06. indo aparecer
07. já no esquerdo lado
08. que em ferros jazia.
09. Nisto se passava
10. um tempo dez mil.
-
37. Chegando ao limite
38. dos tempos atuais,
39. eis-nos interditos
40. enquanto prosperam
41. os jardins da gripe,
42. os bondes do tédio,
43. as lojas do pranto.
44. O espaço é pequeno
45. aqui amontoados,
46. e de mão em mão
47. um papel circula
48. em branco e sigilo,
49. talvez o prospecto
50. dos áureos tempos. (ANDRADE, 2001, p. 55-56).

*Lírica e
história em
A rosa do
povo, de
Carlos de
Drummond
de Andrade*

209

A primeira estrofe do poema acima chama a atenção para a felicidade de um período da vida – a infância. Esta, repleta de situações que propiciam e oportunizam momentos de prazer ao sujeito lírico, é caracterizada como áurea (v. 01). As experiências da infância – associada à um período de descoberta, alegria, pureza – se dissolvem mediante o desencanto com relação àquilo que o presente é incapaz de oferecer. Os “tempos atuais” (v. 38), repletos de limitações, contribuem na acentuação da atitude melancólica do sujeito. O poema apresenta uma série de expressões associadas à melancolia: “jardins da gripe” (v. 41), “bondes do tédio” (v. 42), “lojas do pranto” (v. 43). Consequentemente, o espaço torna-se restrito, limitado (v. 44).

Como quer que seja, a atitude melancólica, tal como se verifica na poesia drummondiana, tem como motivação principal as suas circunstâncias históricas de produção. Num período

conturbado da história brasileira, é comum a percepção de uma série de traços que definem a tristeza e o desencanto do eu lírico frente à sua realidade. Dentre essas características, pode-se mencionar o sentimento de perda, de finitude, da falta de perspectiva, das limitações a que é condenado viver bem como a sua dificuldade de reação e participação efetiva no mundo. Existiria, pois, uma vinculação entre sentimento melancólico e problemas sociais.

As reflexões apresentadas neste estudo revelam alguns aspectos da poesia de Carlos Drummond de Andrade a partir do livro *A rosa do povo*. Associados ao tempo histórico, seus poemas apresentam imagens de destruição, morte, caos, a fragmentação da experiência, a descontinuidade do tempo, a atitude melancólica, dentre outras. Além disso, pode-se dizer que as incongruências internas da obra estão associadas a antinomias sociais.

A formulação de Theodor Adorno (2001) referente à impossibilidade de poesia após Auschwitz deve ser examinada no contexto brasileiro e, e especial, na *A rosa do povo*. A fragmentação formal, a pluralidade de temas, a constituição problemática do sujeito lírico, a seleção lexical, o emprego de procedimentos de vanguarda, a articulação de conceitos oriundos da filosofia e das humanidades (sem a adoção submissa de nenhuma doutrina) e as formulações de caráter político dão complexidade à obra. Trata-se, por fim, de uma concepção de forma poética renovadora dentro do conjunto da poesia brasileira.

Poetry and history in Carlos Drummond de Andrade's *A rosa do povo*

Abstract: The purpose of this essay is to discuss Carlos Drummond de Andrade's *A rosa do povo*, by establishing some relationships between poetry and history. Since the book was published in 1945, theme and form are linked, providing a very particular analysis of his poetry. Thus, issues turn around images of war, discontinuity of time, melancholy posture, fragmentation of experience, precariousness of the self, problems of ambivalence, and an approximation between poetic and prosaic language. Antonio Candido, Iumna Maria Simon, Luiz Costa Lima and Sônia Brayner are the main authors who provide theoretical foundation for the present approach.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade. *A rosa do povo*. Poetry. History.

Referências

ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: _____. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. v. 1.

CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FAUSTINO, Mário. Poesia-experiência. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977. v. 1.

IGLÉSIA, Francisco. Drummond: história, política e mineiridade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 27 out. 1990.

LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*. São Paulo: Topbooks, 1995.

LUCAS, Fábio. *Razão e emoção literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

Lírica e história em A rosa do povo, de Carlos de Drummond de Andrade

211

MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

SEGATTO, José Antonio. Cidadania de ficção. In: _____; BALDAM, Ude (Org.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.

SIMON, Iumna Maria. *Drummond: a poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.

Lizandro
Carlos
Calegari

212

_____. Esteticismo e participação: as vanguardas poéticas no contexto brasileiro (1954-1969). In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: UNICAMP; Memorial, 1995. v. 3.